

NOTA DE IMPRENSA

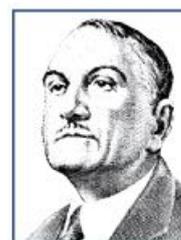
“António Sérgio, Presente!”

Realiza-se no dia 13 de outubro pelas 9:30 horas, na Casa António Sérgio, Travessa do Moinho de vento, 4 (Lapa), 1200-728 Lisboa, a Sessão “**António Sérgio, Presente!**”, que contará com o lançamento do **Arquivo Digital de obras de António Sérgio**, e a apresentação do livro “**Boletim Cooperativista – António Sérgio e Discípulos**”. Esta sessão integra-se na programação do Centro Nacional da Cultura (CNC) e nas comemorações do Ano Internacional das Cooperativas (AIC 2012).

Lançamento do

Arquivo Digital de obras de António Sérgio

O presente projeto surge em 2010 com o objetivo dar a conhecer a biblioteca pessoal de António Sérgio e as suas anotações manuscritas, através da digitalização da sua bibliografia ativa, garantindo desta forma a sua preservação e futura disponibilização na WEB.



A biblioteca pessoal de António Sérgio, instalada na sua antiga residência (traça de Raul Lino) é composta de alguns milhares de volumes, parte significativa dos quais têm anotações a lápis do punho de António Sérgio, que corriam o risco de vir a desaparecer, daí a urgência da sua digitalização.

A sua preservação é da máxima importância para a cultura portuguesa, visto ser António Sérgio um dos maiores pensadores portugueses do séc. XX. As secções de filosofia, de história e de literatura são fundamentais para o aprofundamento dos estudos sergianos.

Foram inicialmente selecionadas obras cujo conteúdo têm óbvia relevância para a compreensão da génese dos Ensaios, nomeadamente os que concernem grandes figuras da cultura portuguesa, casos de Antero de Quental e de Oliveira Martins. Os livros de História, de Pedagogia e de Filosofia, seguiram-se.

O arquivo digital é assim composto por 44.881 imagens. Foram alvo de digitalização 466 livros da sua biblioteca pessoal, num espólio total de 7.500 monografias, que contêm anotações do próprio abrangendo assuntos como a filosofia e o cooperativismo,

correspondendo a obras completas ou só capítulos de outras, num total de 43.955 páginas.

Encontra-se ainda digitalizada toda a correspondência recebida, num total de 926 imagens, onde encontramos cartas endereçadas a António Sérgio, por nomes proeminentes da cultura e da política, seus contemporâneos, como Bernardino Machado, Egas Moniz, Eugénio de Andrade, Gago Coutinho, José Régio e Norton de Matos.

Todo este espólio pode ser consultado, a partir do dia 13 de outubro de 2012, no [sítio www.bibliotecaantoniosergio.pt](http://www.bibliotecaantoniosergio.pt). Poderão ser consultados conteúdos em três áreas de pesquisa: António Sérgio – Biografia; a Casa António Sérgio e a Biblioteca e Arquivo Digital, através da qual poderão ser visualizadas as obras de António Sérgio, agora digitalizadas, em ligação direta à Base de Dados Bibliográfica.

Abre-se, assim, um espaço de acesso, de um alargado número de investigadores e do público em geral, ao pensamento de António Sérgio, através da leitura e análise das suas anotações manuscritas nas obras da sua Biblioteca Pessoal.

A pesquisa online e o acesso a este Arquivo Digital vem, deste modo, otimizar e melhorar a eficácia da investigação, ao mesmo tempo que rentabiliza os meios técnicos e humanos, num espaço que, embora tenha permitido a pesquisa ao longo destes últimos 30 anos, se encontrava restrito e corria o risco de desaparecer.

Apresentação do Livro

“Boletim Cooperativista – António Sérgio e Discípulos”

Sinopse:

Pretende o livro Boletim Cooperativista – António Sérgio e discípulos, homenagear António Sérgio no Ano Internacional das Cooperativas – (AIC 2012), para tal relembrando os seus textos e outros de discípulos seus e de interessados na problemática cooperativa, publicados no Boletim Cooperativista, que fundou em 1951, e que, no início, dirigiu.

Agrupados tematicamente, e não cronologicamente, os 54 textos integrais, ou parciais, visam fazer a ponte com o cooperativismo de hoje, mostrando a influência que António Sérgio teve, e tem, no pensamento e prática do cooperativismo, e o que ainda não conseguiu ver concretizado.



A influência de António Sérgio no cooperativismo pós Abril é muitíssimo maior do que seria de esperar, mas mais de quatro décadas depois da sua morte, sem contraditório, muito do que se faz hoje podemos encontrar nas ideias de António Sérgio desde o início da sua reflexão e ação.

É na coerência da sua história que se ancora a importância e beleza do cooperativismo, um conjunto de princípios e valores que vão buscar inspiração aos Tecelões de Rochdale, pioneiros no longínquo ano de 1844, e que mais de século e meio depois continuam vivos no movimento cooperativo universal.

O cooperativismo português, parte integrante desse cooperativismo universal, é uma construção única a nível mundial, e foram os escritos de António Sérgio que estiveram na origem dessa originalidade.

Temos hoje um setor com consagração constitucional, sob a designação de “setor cooperativo e social”, legislação autónoma da civil e comercial, estatuto de benefícios fiscais, e a possibilidade de Estado e autarquias fazerem parte de cooperativas de interesse público, inspiradas nas régies cooperativas que António Sérgio divulgou.

Foi o Boletim Cooperativista ainda, e sobretudo, um veículo de Educação cooperativa, por se preocupar em falar de Portugal, mas também dar a conhecer aos portugueses o que se fazia no cooperativismo noutras latitudes, pelo que o livro termina com um capítulo resenha das citações cooperativas de personalidades diversas que foram publicadas no seu frontispício.

Prefácio

Por Guilherme d'Oliveira Martins:

SOLIDARIEDADE E FORÇA DAS IDEIAS

“Podemos dizer que António Sérgio (1883-1969) foi, no seu percurso, cívico, intelectual e político, um cooperativista ativo que considerou, antes de tudo, dever ter o seu magistério ligado à criação de uma sociedade de liberdade, autogoverno e cooperação. «Se prego o cooperativismo desde há muitos anos é porque vejo nele (dizia em 1947) a maneira mais sã (e mais bem radicada, digamos assim, que é mais de raiz, a que é mais orgânica) de fazermos brotar uma economia mais justa, já na própria substância da organização presente, já dentro da sociedade capitalista atual». No fundo, a autonomia individual, a liberdade e a responsabilidade deveriam ter na vida tradução política e económica – política, através da participação cidadã; e económica, segundo a exigência da cooperação.

«O cooperativismo em meu entender é um regime económico de maior perfeição, que se desenvolveu na matriz do capitalismo, dentro da sociedade capitalista, assim como a sociedade

capitalista se desenvolveu na matriz feudal, dentro da sociedade da Idade Média». Para António Sérgio, a solidariedade voluntária e a organização cooperativa constituíam, assim, o modo mais adequado para superar injustiças e desigualdades e para permitir a complementaridade entre a liberdade económica e a justiça distributiva. «Na vida económica das cooperativas, a moral e o êxito caminham juntos (insiste o ensaísta); na vida económica das cooperativas, os bens materiais que aí se alcançam proporcionam-se a moralidade com que se nela atua. Na cooperativa, muitíssimo ao contrário do que diz o provérbio, honra e proveito cabem sempre num saco, e servir-se a si próprio é servir os mais sócios. Na cooperativa a harmonia de interesses não é um conto de fadas, mas a própria verdade. Não importo que insistam em me chamar quimérico: o mundo, queridos amigos, pode ser muito melhor do que esses tais supõem». Em lugar de propor um caminho utópico, António Sérgio liga a compreensão da importância dos fatores económicos e sociais à necessidade de criação de uma organização capaz de realizar a síntese entre liberdade e solidariedade, entre autonomia e responsabilidade. Como dizia Marco Aurélio, citado ainda por Sérgio: «Fiz uma ação útil à sociedade? Nesse caso, prestei um serviço a mim próprio. (...) Se disseres tão-somente que és uma parte desse organismo não amas ainda os homens com todo o teu coração; não tens ainda toda a alegria consciente por aquilo que fazes a bem dos homens; pratica-lo simplesmente porque assim o deves, e não como fazendo assim o teu próprio bem» (cf. Antologia «Doutrinadores Cooperativistas Portugueses», de Fernando Ferreira da Costa, pp. 308 e ss).

Não é demais destacar a importância que o ensaísta António Sérgio tem na reflexão sobre a história portuguesa. Estudioso e seguidor dos intelectuais que, ao longo do tempo, foram recusando qualquer providencialismo ou fatalismo, encontrou no cooperativismo uma orientação capaz de superar, a um tempo, as limitações do individualismo e do coletivismo. Assim, na linha dos economistas dos séculos XVII e XVIII e dos liberais esclarecidos, como Alexandre Herculano (lembra-se o luminoso texto sobre as Caixas Económicas), e da geração socializante de 1870 (recorde-se a força das propostas de Antero e dos seus), António Sérgio, ao lado de Jaime Cortesão e de Raul Proença, pôde ligar a reflexão cooperativista e um pensamento reformador moderno – que converge com o pensamento sobre a economia social, desenvolvido no século XX por autores como os membros da Sociedade Fabiana inglesa, até Anthony Crosland, John Rawls, Charles Taylor, Michael Walzer e Michael Sandel, nos nossos dias. A leitura da intensa pedagogia cooperativista como a desenvolvida por António Sérgio deve, assim, ter em consideração que não estamos apenas perante um conjunto de meras considerações de um militante de uma causa generosa, mas sim diante de reflexões aprofundadas e integradas, em que há uma articulação intensa entre três domínios: (a) a ligação entre economia e sociedade, como chave da evolução humana e da compreensão histórica; (b) a proposta de uma política de fixação da riqueza e da criação, por contraponto ao mero «transporte» e à especulação mercantil; e (c) a antevisão de uma via de futuro, num mundo aberto e global, baseada na articulação entre direitos individuais, liberdade económica e de iniciativa, por um lado, e justiça distributiva baseada nos direitos económicos, sociais e culturais, por outro.

O «Boletim Cooperativista» constitui, nesta linha, um acervo muito importante e atualíssimo, correspondente a uma ação prática de «Educação Cívica». O objetivo era «trocar ideias entre nós e cooperar», a partir da realização de cinco objetivos concretos: «criar no país uma verdadeira consciência cooperativista», enquanto «cooperativismo integral como um fim no

domínio da economia»; «trabalhar pela criação de novas cooperativas sobretudo de consumo e cooperativas agrícolas e pecuárias de transações em comum e de transformação de produtos em comum»; «esforçar-se por que um pequeno número de cooperativas decididas a manterem-se libertas de qualquer sectarismo, se federem desde já»; «elaborar um projeto de Código Português do Cooperativismo»; e «elaborar um projeto de estatuto de uma Caixa de Crédito Cooperativo».

Ao lermos, à distância do tempo, o conjunto de textos publicados no Boletim, agora dados à estampa, por iniciativa do Dr. Eduardo Graça, e mercê do entusiasmo antigo do Dr. João Salazar Leite, verificamos que há um espírito eminentemente construtivo de criar a democracia partir dos cidadãos. Dir-se-á hoje que a crise financeira e económica, cujos efeitos sentimos, concedeu uma novíssima atualidade a estas preocupações, que são as mesmas explicitadas por António Sérgio nas lapidares páginas publicadas em «A Águia» quarenta anos antes, sobre a República escolar e sobre a aprendizagem cidadã. E por que motivo salientamos a atualidade destes textos? Porque, em lugar de uma lógica imediatista, mercantilista e especulativa, propõe-se o regresso à criação económica e a importância da entreatajuda, em lugar da perseguição de ganhos artificiais e aparentes. Ética e necessidade, valor e interesse, liberdade, igualdade e diferença são faces da mesma moeda. E a verdade é que muitos dos fracassos contemporâneos têm-se devido à confusão entre valor e preço, à perda de responsabilidade social e ao esquecimento de que as pessoas estão em primeiro lugar e que «o povo deve buscar o seu bem pela sua própria ação criadora». Ao recordar os heroicos companheiros de Rochdale, os princípios da Aliança Cooperativa Internacional, a generosidade do movimento cooperativo, a superioridade moral da solidariedade voluntária – estamos a fazer apelo a uma democracia social das pessoas, pelas pessoas e para as pessoas. E é aqui que a releitura do «Boletim» não se limita a uma lembrança histórica, mas a um desafio de releitura e de atualização. E não podemos esquecer, além de António Sérgio, entre tantas outras, personalidades marcantes desta ação persistente e incansável, como Henrique de Barros, Fernando Ferreira da Costa ou João Sá da Costa. Neste Ano Internacional das Cooperativas (2012), é justíssimo recordarmos em primeiro lugar o exemplo de António Sérgio e da jovem equipa que o acompanhou na caminhada de afirmação concreta da democracia social. Nos últimos dias da sua vida, o grande mestre duvidou da eficácia da sua ação política, cívica e pedagógica. Contudo, desmentindo essa angústia, a atualidade do seu pensamento mantém-se indelével. Que melhor reconhecimento da sua premonição e da força das suas ideias e projetos senão a exigência de continuarmos a agir em nome de uma economia social livre e justa?»